


AÇORES
TEMPORADA
DE MÚSICA 2010

www.azorestemporada.com

Uma iniciativa da Presidência do Governo Regional dos Açores através da Direcção Regional da Cultura



A composição musical portuguesa no período republicano

MARIA JOSÉ ARTIAGA
PROFESSORA INVESTIGADORA DO CESEM

As obras dos compositores portugueses dos dois últimos séculos ainda não foram objecto de um estudo sistemático que permita ter delas um conhecimento equivalente. No entanto, têm sido realizados alguns estudos, desde o de José Manuel Bettencourt da Câmara sobre a música de Francisco de Lacerda (1869-1934), ao de Alexandre Delgado, Ana Teles e Nuno Bettencourt Mendes sobre Luís de Freitas Branco (1890-1955), passando pelo ainda pouco divulgado de Duarte Gonçalves Rosa sobre Tomás Borba (1867-1950), pelo estudo de Filipe Pires sobre Óscar da Silva (1870-1958) e pelos ensaios publicados por Paulo Ferreira de Castro sobre António Fragoso (1897-1918). Apesar do esforço de divulgação da música portuguesa deste período ter vindo a aumentar nos últimos anos, ainda há muito para conhecer dos compositores deste período, não só dos já mencionados como de outros como, por exemplo, Rui Coelho (1892-1986) e Rey Colaço (1854-1928).

De entre as tendências estéticas reveladas por estes compositores, sobressai uma preocupação com a afirmação de uma linguagem nacional, de matriz popular, ensaiada desde o século XIX e não resolvida, a permanência de um romantismo de influências germânica tardiamente chegado a Portugal, a influência da música francesa representada por César Franck e pelo modernismo musical francês de Debussy e Ravel e o alinhamento com os compositores franceses e italianos comumente designados por neoclássicos.

As duas figuras a atrair a atenção do público logo no início da República foram Luís de Freitas Branco e Rui Coelho. O primeiro já fora alvo de polémica ao ser-lhe atribuído o 1º prémio com distinção no concurso organizado pela Sociedade de Música de Câmara de Lisboa com a 1ª sonata para violino e piano, em Junho de 1909. Um ano depois, após o seu regresso de Berlim, será novamente alvo de ataque por Rui Coelho que o acusa de, nessa obra, ter plagiado o compositor francês César Franck. A ambos foi co-



Luís de Freitas Branco

mum, no fim do seu percurso académico, o estudo em Berlim com Engelbert Humperdinck e o terem passado por Paris onde tomaram contacto com as correntes musicais francesas.

Luís de Freitas Branco, oriundo de uma família aristocrática com grandes propriedades rurais no Alentejo, começou por ter aulas particulares, tendo apresentado a sua primeira canção, *Aquela Moça*, aos 14 anos, a qual obteria uma grande popularidade. Mais tarde terá aulas com Augusto Machado e Tomás Borba com quem estudará Harmonia, Contraponto, Cântone, Fuga e Instrumentação. Este último, em particular, marcou-o profundamente no seu desenvolvimento musical. Com a vinda para Lisboa do compositor belga Désiré Pâque, com quem terá aulas de órgão e composição, receberá uma influência determinante na sua formação.

Freitas Branco abordará todos os géneros musicais excepto a ópera e, com excepção das Suites alentejanas, não revelará interesse pela apropriação da música popular portuguesa. Após uma primeira fase, em que o compositor revelou a influência da música de Berlioz e de Liszt e uma linguagem marcadamente tonal, da qual são representativas o poema sinfónico

tirá primeiro como ouvinte às aulas do Conservatório de Paris até 1897, tendo frequentado a seguir a conhecida Schola Cantorum. A amizade mantida com Debussy e Henry Duparc, e com outros intelectuais do meio parisiense, terá contribuído para a assimilação de muitos dos traços franceses presentes na sua obra, a par de uma individualidade musical inegavelmente madura e sólida a que a sua actividade de maestro não foi certamente alheia. O recurso a várias técnicas de composição da modernidade francesa encontra-se, por exemplo, na obra para piano *Trente-six histoires pour amuser les enfants d'un artiste* (1902-1922), um conjunto de miniaturas de sabor modal.

Ao contrário de Freitas Branco, Lacerda mostrou um grande interesse pelo repertório popular português enquanto símbolo de um folclore imaginário. As *Trovas*, para canto e piano, são o seu contributo mais importante para o género. A íntima relação existente entre o texto e a música, o tratamento subtil da harmonia, a simbiose bem conseguida entre o simbolismo musical francês e o repertório popular atestam uma solidez e individualidade raramente conseguidas por outros compositores nacionais. A sua obra para orquestra *Almourol* (1926) é um exemplo maior do sinfonismo e orquestral.

O promissor e talentoso António Fragoso, cuja modernidade se descobria ainda durante a sua formação no Conservatório Nacional, morreu vítima da gripe "pneumónica" aos dezoito anos, na véspera da sua ida para Paris para trabalhar com Vincent d'Indy na Schola Cantorum. Apesar da morte prematura, deixou um legado composto por obras para piano, canto e piano, um Nocturno para orquestra e ainda outras obras de música de câmara.

Tal como outros compositores portugueses, Fragoso conhecia a obra de Franck, Fauré, Debussy e Ravel e deixou marcas indeléveis dos dois últimos na sua música. Tal como os seus contemporâneos, interessou-se pelo repertório popular mas a um nível ideal e distante sem se apropriar do seu material temático, mas antes tratando-o como sugestão de um bulcolismo simbólico.

Contemporâneos dos músicos até agora mencionados mas ainda herdeiros de um romantismo germânico ansiado mas raramente protagonizado em Portugal, foram Rey Colaço e Óscar da Silva.

O primeiro, pianista de formação, estudou no Conservatório de Madrid, onde concluiu os seus estudos, tendo-se aperfeiçoado mais tarde em Paris e depois em Berlim. A sua obra para piano reflecte a sua paixão pelo pianismo romântico, assim como um exotismo próprio deste período, de cor marroquina e ibérica. Desta última tendência, e com uma feição mais marcadamente nacionalista, são as suas peças para canto e piano, nomeadamente as *Cantigas de Portugal* (1918) e os seus *Fados* para piano (1895), nos quais, ao fazer uso de um género popular urbano, se distinguiu de outros compositores nacionalistas portugueses.

Oscar da Silva, depois de ter iniciado os seus estudos no Porto, concluiu-os em Lisboa no Conservatório Nacional. Com uma bolsa dada pela Rainha D. Amélia foi estudar para o Conservatório de Leipzig, na altura o mais conceituado da Europa. As obras compostas até 1929 revelam, em grande parte, a influência do pianismo do salão romântico, mas também a de compositores como Chopin,

Schumann e Liszt, nomeadamente nas *Dolorosas*, compostas após a morte da mãe em 1910, as quais remetem para a corrente literária do saudosismo a que o músico sempre esteve ligado. As *Páginas Portuguesas* (Toadas e Danças para piano) fazem uso da canção popular portuguesa ainda à maneira romântica do final do século. Em geral, a sua obra combina uma estética romântica de influência germânica e francesa com uma sensibilidade nacional de carácter lírico e nostálgico.

Com um percurso independente destes compositores situa-se Rui Coelho com uma obra ainda pouco estudada. Do período entre 1910 e 1926 destacam-se a sua primeira *Sinfonia Camoneana* (1912), o bailado *A Princesa dos Sapatos de Ferro* (1912), *O Serão da Infanta* (1913), a primeira ópera cantada em português, e nos anos vinte o poema sinfónico *Nuno Álvares Pereira* (1922) com o qual iniciará um nacionalismo militante. ♦



Igreja de Nossa Senhora da Vitória

Compositores da Época da República

Nome: Cláudio Carneiro

Nascimento: Porto, 27 de Janeiro de 1895

Morte: Porto, 18 de Outubro de 1963

Obras principais: *Auto da Cidade*, *Portugalesas*, *Nau Catrineta* (bailado), *Quarteto de Cordas*, *Khroma* (viola d'arco e piano), *Memento*, *Prélúdio*, *Coral e Fuga* (orquestra de cordas), *Arpa Eólia* (piano), *Cantares e Velhos Cantares* (música vocal).

Cláudio Carneiro foi um dos compositores mais representativos do século XX português e escreveu algumas das melhores obras do nosso repertório vocal. Nasceu na cidade do Porto onde viveu praticamente toda a sua vida. Filho do ilustre pintor António Carneiro, estudou violino e composição no Conservatório de Música da cidade. Mais tarde, foi para Paris aprofundar os seus conhecimentos em composição com Charles Widor e com Paul Dukas,

com quem estudou como bolsista do Instituto de Alta Cultura. Foi em Paris, onde obteve um dos seus maiores sucessos com o *Prélúdio*, *Coral e Fuga* dirigido por Gabriel Pierné.

Regressou à sua cidade natal, onde manteve as funções de docente no Conservatório de Música do Porto e em 1956, assumiu a direcção desta instituição. Foi casado com a violinista norte-americana Katherine Hickel. Durante alguns anos foi director artístico

Locais de Concerto nos Açores

● Igreja de Nossa Senhora da Vitória

Situada no concelho de Vila do Porto na Ilha de Santa Maria, a Igreja de Nossa Senhora da Vitória ou das Vitérias, como é conhecida popularmente, foi inaugurada no dia 26 de Março de 1609. Integra o Convento de São Francisco, edificado em 1607, que ainda hoje conserva dois painéis de azulejos do século XVII, onde estão representados os milagres de Santo António.

A sua estrutura em alvenaria

revestida por pedra caída apresenta uma fachada simples com uma porta axial de verga recta e um pequeno frontão em relevo com o símbolo dos Franciscanos. A Igreja tem uma única nave e apresenta uma planta rectangular anexa ao claustro do Convento de São Francisco. A capela-mor em abóbada de berço é de grande simplicidade tendo na parede do fundo um nicho rematado por uma moldura de pedra. Na parede do lado direito da nave está a Capela de Santo António, revestida por azulejos da época seiscentista e tem um retábulo em talha pintada. Na parede oposta encontra-se um pequeno púlpito rectangular sob uma consola de pedra e uma porta de um antigo Coro-alto.

O Convento de São Francisco, juntamente com a Igreja de Nossa Senhora da Vitória e a Capela dos Terceiros, foi classificado como Imóvel de Interesse Público. Actualmente este imóvel é tutelado pela Câmara Municipal de Vila do Porto, e são realizados concertos, exposições e outras iniciativas culturais. ♦

MARIA JOÃO RODRIGUES



Cláudio Carneiro

SABIA QUE...



F. Chopin (1810-1849)

Chopin, com medo de ser enterrado vivo, pediu que lhe fosse retirado o coração após a morte. Mergulhado em *cognac* numa urna de cristal, encontra-se dentro de um pilar na Igreja de Santa Cruz em Varsóvia, sob uma inscrição do *Evangelho Segundo S. Mateus*, que diz: «onde estiver o teu tesouro, ali estará também o teu coração». ♦

Os últimos concertos da Temporada de Música 2010

● Neste mês de Dezembro a Temporada encerra com cinco concertos distribuídos pelas ilhas de São Miguel, Faial, São Jorge, Pico e Santa Maria



Miguel Yisrael e Guillemette Laurens

A Temporada de Música 2010 teve início a 19 de Março e irá terminar no dia 17 de Dezembro, em Santa Maria. Com quarenta e seis concertos programados por todo o Arquipélago foram apresentadas diversas formações, desde orquestras, música de câmara, recitais, bailado, entre outros e foram interpretadas obras desde o século XVI até aos nossos dias. Os próximos concertos terão lugar às 21h30, na Igreja do Carmo, em Ponta Delgada, no dia 10 de Dezembro, e na Igreja Matriz da Horta no dia 11, com a Capela Patriarcal, substituída por oito cantores e pelo organista João Vaz, responsável

pelos concertos. Ainda no dia 11, no Auditório Municipal de Vila do Porto, em São Jorge será encerrado o Ciclo de Laureados, apoiado pela EDA (Electricidade dos Açores), com o fagotista

Rui Lopes e com o pianista açoriano Paulo Pacheco. A encerrar a Temporada, nos dias 15 e 17, no Convento de São Francisco nas Lajes do Pico e na Igreja de Nossa Senhora da Vitória em

Santa Maria, respectivamente, Miguel Yisrael (alaúde) e Guillemette Laurens (meio-soprano) apresentam dois recitais inteiramente dedicados à música antiga. ♦ M.J.R.



C. Debussy (1862-1918)

Conta-se que Debussy submeteu a Saint-Saëns o seu *Prélude à l'après-midi d'un Faune* para que este assinasse com uma cruz o que não gostasse. Dias depois, quando foi buscar a partitura, para seu grande espanto, não viu qualquer cruz. Quando se mostrou satisfeito por não ver indicações, Saint-Saëns disse-lhe: «Meu pobre amigo, se eu tivesse posto uma cruz sempre que rangi os dentes, não seria certamente um manuscrito que eu lhe devolveria, mas sim um verdadeiro cemitério». ♦